

Jornalistas Negros: Um Estudo Histórico da Representatividade Negra no Jornalismo Brasileiro¹

Rone Fabio Carvalho Junior²
Selma Benedita Coelho³

Centro Universitário do Rio Preto, São José do Rio Preto - SP

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a desigualdade racial presente no jornalismo brasileiro. Analisando o contexto histórico do racismo no Brasil, com base no período escravocrata e em uma pesquisa nos principais telejornais de seis emissoras de televisão do país. Esse projeto pretende denotar a baixa representatividade de profissionais negros no meio informativo nacional. Através de uma análise histórica, reflexiva e atual, a pesquisa indicia os motivos do jornalismo brasileiro ainda apresentar desigualdade racial perante as mídias audiovisuais, contextualizando um fator histórico que atravessa gerações e permanece presente sobre a sociedade do país.

PALAVRAS-CHAVE: Negro; Racismo; Televisão; Jornalista; Preconceito.

Introdução

A Lei Áurea assinada em 1888 não cessou a discriminação racial presente nos quatro cantos do Brasil. O preconceito vivenciado diariamente deixou marcas em gerações futuras de descendentes de negros, que ainda convivem com a desigualdade perante a cor da pele em território brasileiro.

Atos de discriminação racial são pautas diárias de telejornais brasileiros, do jovem chamado de “macaco” ao comprar um lanche em uma famosa rede de lanchonetes *fast-food*⁴, ao aluno de uma universidade de São Paulo intitulado como escravo nas redes sociais por um colega universitário⁵.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientando e graduando do 6º. Semestre do Curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP, em São José do Rio Preto, São Paulo. E-mail: juniorrfc98@outlook.com.

³ Orientadora do trabalho, docente e pesquisadora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNIRP, Mestra em Televisão Digital: Informação e Conhecimento pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Bauru. E-mail: selma-coelho@uol.com.br.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cliente-negro-e-chamado-de-macaco-em-pedido-de-rede-de-fast-food-de-sp.ghtml>

⁵ Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/racismo-estudante-da-fgv-sp-e-chamado-de-escravo-por-colega-09032018>

Nem mesmo os jogadores de futebol escapam. O goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, popularmente conhecido como Aranha⁶, e o lateral Daniel Alves foram vítimas dos agressores⁷. Além deles, a filha dos atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank: Chissomo Ewbank Gagliasso, popularmente conhecida como Titi, também foi alvo de comentários racistas⁸.

Uma das poucas jornalistas negras do principal telejornal brasileiro, o Jornal Nacional, exibido pela TV Globo, Maria Julia Coutinho também foi alvo nas redes sociais⁹, mostrando os dados alarmantes de casos de preconceito racial que continuam a ocorrer diariamente no âmbito social.

Em meio a tantos discursos de igualdade racial, campanhas de conscientização e até mesmo punições aos agressores, por quais motivos, o negro ainda continua sendo vítima de atos discriminatórios? A difícil resposta, que é indagação de muitos pesquisadores, norteará esse projeto de pesquisa que buscará através de fatores históricos analisar a representativa negra no jornalismo brasileiro.

Para isso, tomou-se por base uma pesquisa bibliográfica e analítica em livros, artigos, documentários e até mesmo em reportagens de veículos tradicionais, na finalidade de contar as dificuldades enfrentadas pelo negro no jornalismo nos últimos anos: do século XIX aos dias atuais.

Concluindo, com um estudo dos principais telejornais brasileiros e a representatividade negra perante os âncoras das emissoras estudadas, analisando quais são os jornalistas negros que aparecem em âmbito nacional.

Destaca-se durante o projeto, o fato do Brasil ser conhecido internacionalmente pela sua miscigenação de povos, religiões, cultura e raças, o que acarreta numa maior contextualização para um estudo sobre a importância das mídias para desconstrução do discurso racista. Mas o que é de fato o racismo?

Segundo a *Declaração sobre Raças e os Preconceitos Raciais*¹⁰, o racismo engloba as atitudes fundadas em comportamentos discriminatórios, ligados à ideia de que os atos de preconceito podem ser justificados.

⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html

⁷ Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-04-27/daniel-alves-come-banana-atirada-contr-a-ele-em-jogo-do-barcelona-em-villarreal.html>

⁸ Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/11/28/gagliasso-e-ewbank-denunciam-racismo-contr-a-titi-relembre-casos-de-famosas.htm>

⁹ Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/07/03/maria-julia-coutinho-e-alvo-de-racismo-na-pagina-do-jn-no-facebook.htm>

¹⁰ A Declaração foi aprovada e proclamada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas, em 1978.

Vale ressaltar, que segundo Xavier (2013), a imprensa exerce papel extremamente importante sobre a sociedade brasileira, influenciando hábitos e apresentando tendências a sociedade, e serão sobre esses costumes que esse projeto de pesquisa se contextualizará, entendendo o entrelaçamento entre a mídia brasileira e desigualdade racial.

A imprensa brasileira no período escravocrata

Com uma história baseada em costumes repassados pelos colonizadores, o surgimento da atividade jornalística no Brasil também foi fruto do papel solidificador dos portugueses em território brasileiro.

O primeiro jornal impresso feito no Brasil repassou as formalizações de como seria a imprensa durante as seguintes décadas. A Gazeta do Rio de Janeiro, lançada em 1808, apresentava notícias de interesse direto da corte portuguesa, sendo considerado um veículo parcial que formalizou o início do jornalismo no país (ROMANCINI e LAGO, 2007).

No mesmo ano, o brasileiro Hipólito José da Costa lançou o Jornal Correio Braziliense, contudo, a atividade jornalística era produzida fora do país, com edição em Londres, na Inglaterra. Trazido clandestinamente ao Brasil, sua característica editorial era de ser contrário a imprensa oficial exercida pela Gazeta do Rio de Janeiro (ROMANCINI e LAGO, 2007).

Os dois veículos marcaram época pelo seu caráter altamente político, formando uma geração de inúmeros outros jornais que surgiam e desapareciam durante o século XIX. Neles, discursos republicanos e monarquistas procuravam através da comunicação influenciar a sociedade. Foi assim, que o jornalismo durante os anos de 1900, exercia o papel de ‘fazer político’.

Em meio a essa atividade jornalística altamente política feito para o homem branco, o negro era reduzido, aparecendo na forma de anúncios, como se fosse mercadoria, repassando os fatores desiguais vividos pela população negra perante o contexto social presente na época.

Vende-se um mulato de 22 anos de idade, bom alfaiate, e bom boleiro, e uma negra também da mesma idade, que cozinha muito bem, e coze, de muito boa conducta, e outra negra de 22 annos que cozinha muito bem: na rua do Livramento (FREYRE, 2012, p. 46).

No anúncio apresentado no livro *O Escravo nos Anúncios Brasileiros do Século XIX*, é perceptível a caracterização usada sobre os negros nos jornais da época, repassando o caráter de inferiorização, onde o homem de pele negra tinha de ser submisso ao branco. Ou seja, ele supria as necessidades do superior, através da força de trabalho e tarefas domésticas realizadas pelas mulheres negras.

Essa formalização ainda se faz presente atualmente nas telenovelas brasileiras, onde a mulher negra ainda se apresenta em papéis de doméstica e o homem negro ligado ao malandro. “Ele sempre tira proveito de situações, a segunda é a mulata ‘boazuda’ caracterizada pela sua sensualidade e sucesso sexual” (SANTOS, SILVA, ROCHA, 2018). Denotando, a empregada que trabalha na casa da família rica branca, submissa aos chefes.

Contudo, como forma de enaltecer a voz dos negros e estancar a desigualdade, surge em 1833, o primeiro veículo da imprensa negra, datado vinte cinco anos depois da primeira atividade oficial jornalística brasileira, com o jornal *O Homem de Côr*, editado por Francisco de Paula Brito (ROSA, 2014).

Desde seu surgimento, em 1833, a imprensa negra e os jornais negros estavam inseridos na luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial no Brasil. Essa origem e tais características são fundamentais para o entendimento não somente da imprensa negra, mas também para a compreensão da imprensa brasileira. Pois, é a imprensa negra parte integrante da imprensa brasileira e sua existência tem potencial colaborativo para a reflexão sobre a presença e os efeitos do racismo na imprensa brasileira, em particular na grande imprensa (ROSA, 2014, p. 560 e 561).

A luta contra o racismo fez com que surgissem novos veículos de inserção do negro perante o campo comunicacional, restrito até então, aos brancos. Entre os jornais impressos que surgiram na imprensa negra destacam-se: *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho*, *O Lafuente*, *A Pátria* e *O Exemplo*.

Ao analisar, uma das edições do primeiro jornal da imprensa negra (Figura 1) de 1833, é perceptível a busca dos direitos igualitários em relação aos fatores raciais do país, citando a constituição política do império como argumentação.

Essa característica presente nos textos dos jornais negros tinha o intuito de destacar os direitos dos cidadãos brasileiros, como reflexão social da exclusão que atingia os descendentes de africanos. “O jornal desempenhava uma função social de

denúncia e proposição de uma nova ordem social em que negros e brancos pudessem partilhar dos mesmos espaços” (ROSA, 2014).

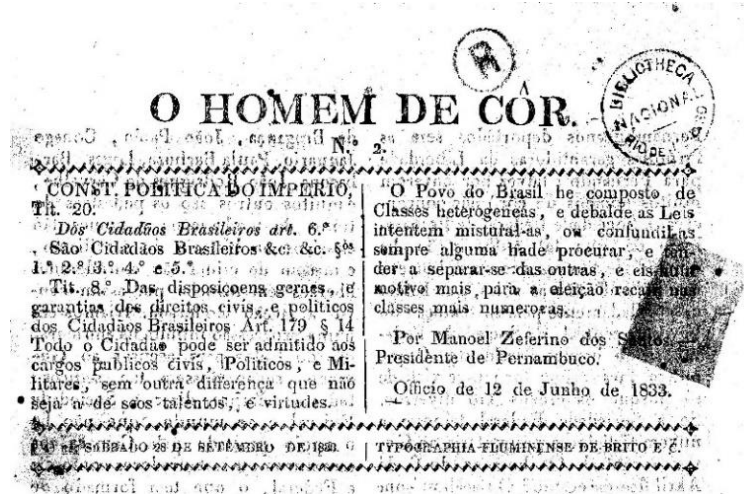


Figura 1: *O Homem de Côr*, ed. 2 (Biblioteca Nacional Digital)

Perante a essa caracterização, o jornalismo negro começou a fundamentar os ideais do movimento (negro) nas páginas do primeiro jornal relacionado ao tema, buscando um engajamento social de luta por direitos igualitários em relação a raça.

Diante disso, a segmentação de parte do jornalismo (imprensa negra) fundamentou um processo de direitos igualitários como pauta nas mídias.

A par das questões que definem a chamada imprensa negra brasileira, no que concerne a seu conteúdo e sua linha de atuação, pode-se, então, dizer que essa corresponde aos jornais que se inserem na luta contra a discriminação racial no Brasil (PINTO, 2006, p. 28).

Vale ressaltar, que o jornalismo instaurando no século XIX era caracterizado por um modelo artesanal, tornando-se industrial com o advento da tecnologia.

Essa diferença entre o jornalismo negro e a imprensa tradicional, é explicada por Abdias do Nascimento¹¹ na entrevista para Isabel Cristina Clavelin da Rosa no trabalho *Racismo em pauta – a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na primeira década de 2000*:

¹¹ Abdias do Nascimento (1914-2011) foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9353/1/2011_IsabelCristinaClavelindaRosa.pdf

Na imprensa normal, a grande [imprensa], a notícia sobre questões negras era esporádica, era de vez em quando. Para publicar, para sair, era preciso um grande empenho junto a secretário do jornal, ao diretor mesmo. E no outro jornal, não. A gente resolvia publicar, dava o destaque que se queria dar (ROSA, 2011, p. 66).

A representatividade negra nos dias atuais

Mais de 180 anos da publicação do primeiro impresso da imprensa negra em território brasileiro, a luta por direitos igualitários em relação a raça e etnia continua sendo pauta de inúmeros debates nos dias atuais.

Nos meios de comunicação, como em telenovelas e até mesmo em seriados, o negro continua sendo apresentado em papéis fidelizados por vestígios do passado, como se a dona de casa na telenovela fosse inspiração das escravas, que exerciam diversas tarefas na casa de seus donos (as).

No trabalho *A Representação da Mulher Negra nas Telenovelas Brasileira: Um Espaço em Construção*¹², é citado que até mesmo em músicas reproduzidas durante a produção audiovisual é perceptível a partir de uma análise reflexiva os arquétipos normalmente utilizados para caracterizar a mulher negra. “Músicas que permanecem por décadas no repertório nacional e se utilizam de arquétipos para caracterizar a mulher negra, destacando seus atributos sexuais” (SANTOS, SILVA, ROCHA, 2018).

Exemplo da desigualdade racial na mídia, ocorreu em maio de 2018, quando a TV Globo foi notificada pelo Ministério Público do Trabalho para tomar medidas, na finalidade, de promover a participação de pessoas negras em produções audiovisuais e no jornalismo da emissora. “A medida foi motivada pela ausência de personagens pretos e pardos na novela *Segundo Sol*¹³, ambientada em Salvador, na Bahia” (VIEIRA, 2018).

Outra circunstância que foi amplamente divulgada durante a notificação a TV Globo foi que a recomendação ocorreu às vésperas dos 130 anos da abolição da escravidão, o que fez com que muitos movimentos negros reforçassem o discurso de desigualdade perante os meios de comunicação, principalmente, pelo fato da telenovela ser ambientada na Bahia, região com grande incidência de pessoas de cor de pele negra (IBGE, 2018).

¹² Trabalho das graduandas em História da UEPG/ Guarabira: Francijane Lima dos Santos e Marcia Ramos da Silva, com orientação da Doutora Solange Pereira da Rocha.

¹³ *Segundo Sol* é uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, escrita por João Emanuel Carneiro.

Contudo, a invisibilidade negra não ocorre apenas perante as mídias, mas também na política. Em levantamento recente, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, é possível constatar o baixo protagonismo negro nas esferas do poder, principalmente, no Supremo Tribunal Federal (STF), onde nenhum dos ministros é negro, isso, interfere diretamente nas políticas afirmativas e na desigualdade perante classes (AGÊNCIA SENADO, 2018).

O pesquisador Fernando Conceição¹⁴ coloca que o negro é retratado de três maneiras nos meios de comunicação:

Lúgubre: (sombrio, sinistro, medonha): nos diversos noticiários dos programas policiais, que ganham cada dia mais espaço na televisão brasileira. Lúdico (referente a divertimento): aparece em ocasiões comemorativas, como por exemplo, no Carnaval, ou em situações onde ele, o negro, é apenas alegoria, juntamente com seus instrumentos de batucada, apresentando-se muitas vezes fantasiado, bem ao gosto dos turistas nacionais e estrangeiros. Luxurioso: essa imagem lasciva (sensual, permissiva, que procura constantemente e sem pudor satisfações sexuais, dissoluto, devasso), tem custado caro, principalmente às mulheres e meninas negras de cidades turísticas como Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Fortaleza, onde muitas são introduzidas desde cedo, às vezes até mesmo pela própria família, no turismo sexual, isto é, prostituição (QUINTÃO *apud* CARRAÇA e BORGES, 2004 p. 57).

Essa imagem sobre a mulher e o homem negro, formada e fidelizada aos brasileiros, dispõe de fatores históricos-sociais enraizados sobre a sociedade. Da mulher muleta vista pelos colonizadores por desejo sexual; e do malandro, lembrando os escravos narrados como impuros e até bandidos.

Todas essas imagens formam uma cadeia de processos vividos e interiorizados no âmbito da vida, que se proliferam num ciclo de vender a imagem do negro como ocioso e sempre submisso ao branco.

Nesse contexto, o telejornalismo com sua força de abrangência ganha papel importante nesse papel de conscientização e luta contra a desigualdade racial, entretanto, nem sempre o negro é identificado de maneira plena e igualitária perante a atividade jornalística audiovisual, já que grande parte da mídia comercial do Brasil, ainda se aplica de valores do passado em sua programação.

¹⁴ Fernando Conceição é doutor em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo. Em 2005, o jornalista lançou o livro: *Mídia e etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos*.

O Telejornalismo Brasileiro

A televisão brasileira nasceu inspirada no que os americanos faziam no início da atividade audiovisual no mundo, repassando o modelo comercial como padrão de como seria boa parte das emissoras de televisão do Brasil. A grande maioria delas enxergaram no modelo comercial a oportunidade de expandir seu mercado comunicacional e, principalmente, de obtenção de lucro.

O pioneirismo de Assis Chateaubriand em 1950, aos poucos se popularizou com a comercialização de televisores em território nacional, fazendo com que o brasileiro ganhasse o hábito de poder ver o que até então era ouvido pelo rádio.

As técnicas de produção que se desenvolveram na segunda metade do século XX fizeram do mercado audiovisual um retrospecto de evolução, do que até então, era modelo informacional no país: jornais e revistas impressas (século XIX) e rádio (na primeira metade do século XX). Diante disso, os meios de comunicação passaram a exercer papel de influxo sobre a vida das pessoas.

Atualmente, com mais de 60 anos de atividade, a televisão se transformou em um dos principais meios de ‘formação’ da população. “Com uma programação cada vez mais variada, a TV foi ditando moda, impondo valores, conceitos, passou a atuar na construção simbólica da realidade próprias da sociedade brasileira” (NETO, 2007).

Uma imprensa que difunde visões estereotipadas sobre o negro (as) brasileiro (a) ou limita ao máximo a sua presença nos veículos de comunicação, apresenta à sociedade brasileira um perfil distorcido de sua população e de sua própria identidade nacional. Constrói grandes obstáculos na luta pelo reconhecimento da identidade racial brasileira e a legitimação social dos diferentes interesses e demandas. Estimula a formação de uma sociedade que não reconhece as raízes negras de sua estrutura cultural e assim, tem uma visão deturpada de sua identidade nacional (XAVIER, 2013, p. 14).

Contudo, com uma mídia de valores comerciais, a representação de grupos minoritários padece para ser instaurado de maneira plena perante os órgãos comunicacionais. Num estudo intitulado *A Representação dos Negros na Rede Globo e na TV Brasil na Semana do Dia Nacional da Consciência Negra*¹⁵ é possível constatar a diferença de abordagem da semana que visa a conscientização sobre o racismo, tanto no número de horas dedicadas ao tema como de abordagem racial.

¹⁵ Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/861

Vale ressaltar que a Constituição Federal de 1988 tem como pauta em um de seus artigos os princípios que as emissoras de rádio e televisão, sejam elas emissoras públicas (TV Brasil) ou comerciais (TV Globo), devem exercer sobre suas coberturas:

As diretrizes da Constituição Federal de 1988, no artigo 221, garantem como princípios para todas as emissoras de rádio e televisão, as finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, a sua regionalização, assim como o “respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família”¹⁶. Ou seja, independente de o serviço de radiodifusão pertencer ao Estado ou a instituições públicas ou ter sido repassado a terceiros e ser explorado pela iniciativa privada, as regras ou princípios para a sua operacionalização são os mesmos (SANTOS e LOPES; 2010; p. 103 [p. 20]).

Entretanto, em pleno século XXI casos de desigualdade racial continuam presente nas emissoras de televisão do Brasil. A diferença entre o número de atores negros e do papel desempenhado por eles, mostra como a finalidade educativa da Constituição de 1988 se encontra distorcida, perante sua legitimidade e cumprimento nas emissoras de televisão aberta.

Para Quintão (*apud* Carrança e Borges, 2004) a televisão é o meio de comunicação com maior capacidade de criar incidência sobre a sociedade, ou seja, influenciar o seu papel crítico. É através dela que normalmente, as pessoas se informam e criam ilusões sobre os contextos vividos na sociedade.

[...] mídias audiovisuais (com a TV em primeiro plano), as mídias impressas (que afetam os formadores de opinião, empresários, artistas e políticos) e as mídias eletrônicas que determinam os incluídos e excluídos do novo sistema mundial de circulação simbólica e de consumo (QUINTÃO *apud* CARRANÇA e BORGES, 2004, p. 48).

Essa análise das mídias em seus aspectos ajuda na conclusão de que cada veículo comunicacional consegue influenciar um público específico, no caso do jornalismo digital, que une parte do público-alvo das outras mídias, pode-se refletir que ele é capaz de fazer com que um simples comentário ganhe proporções nacionais, assim como ocorreu com o ex-apresentador do Jornal da Globo: William Waack, ao ser demitido após um comentário racista enquanto se preparava para entrar ao vivo¹⁷.

¹⁶ *Aspas do autor.*

¹⁷ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/11/william-waack-e-acusado-de-racismo-apos-video-vazar-na-internet.html>

Estudo de Caso

Com base em um estudo em seis emissoras de televisão aberta (TV Globo, Record TV, SBT, Band, Rede TV e TV Cultura) durante o mês de junho de 2018, essa pesquisa analisou os âncoras de telejornais diários de cada uma das emissoras citadas, com o intuito de ver se alguma veículo de comunicação apresentava um apresentador negro na bancada do respectivo telejornal. Vale ressaltar, que durante a pesquisa, levou-se em consideração também jornalistas que participam do telejornal durante a previsão do tempo, os quais serão citados quando referenciados no estudo.

No caso da TV Globo, foram estudados quatro telejornais exibidos diariamente pela emissora: Bom Dia Brasil (Chico Pinheiro e Ana Paula Araújo), Jornal Hoje (Sandra Annenberg e Dony De Nuccio), Jornal Nacional (William Bonner e Renata Vasconcellos) e Jornal da Globo (Renata Lo Prete). Somados, todos são apresentados por jornalistas brancos.

Na previsão do tempo, o Jornal Nacional compõe-se de uma jornalista negra, a qual foi muito referenciada quando começou a fazer parte da equipe pelo fato de sua cor de pele. Maria Julia Coutinho representa uma minoria de negros dentro da equipe de apresentadores do telejornal, mesmo que seu papel seja menor em relação ao dos âncoras por apresentar a previsão do tempo.

É bom ressaltar que as recentes modificações do telejornalismo fizeram com que a TV Globo reformulasse parte de sua equipe. Zileide Silva e Heraldo Pereira (apresentador do Jornal das Dez, na Globo News) representam uma parcela mínima perante o jornalismo da emissora de jornalistas negros que até mesmo no ambiente universitário sofrem para entrar no mercado de trabalho.

Na Record TV, foram estudados dois telejornais: Fala Brasil (Carla Cecato e Roberta Piza) e Jornal da Record (Celso Freitas e Adriana Araújo), ambos também são apresentados por jornalistas brancos. No caso do Jornal da Record, a previsão do tempo é realizada predominantemente por duas jornalistas: Lidiane Shayuri (branca) e Salcy Lima (negra). A emissora também apresenta um repórter negro que fixamente aparece no principal telejornal da emissora: Luiz Fara Monteiro.

Já o SBT apresenta no SBT Brasil dois jornalistas brancos, sendo eles: Rachel Sheherazade e Carlos Nacimento. Outro jornal exibido na madrugada pela emissora, o SBT Notícias, conta com quatro apresentadores brancos: João Fernandes, Karyn Bravo,

Analice Nicolau e Cassius Zeilmann. A previsão do tempo do jornal não conta com apresentadores fixos. Dessa forma, todos os telejornais da emissora são apresentados por jornalistas brancos.

Na análise da Band foram analisados dois telejornais da emissora, o Café com Jornal (Luiz Megale e Júlia Duailibi/ Laura Ferreira) e o Jornal da Band (Ricardo Boechat e Paloma Tocci), todos também são telejornais apresentados por jornalistas brancos. A previsão do tempo é feita por Laura Ferreira (branca). No caso de Paloma Tocci, durante o mês de junho a jornalista não estava apresentando devido a uma licença maternidade, mas as jornalistas que a substituíram eram predominantemente brancas, como no caso de Júlia Duailibi que devido sua saída do Café com Jornal no meio do mês de junho foi substituída por outra jornalista branca: Laura Ferreira.

Na Rede TV, o principal telejornal da emissora, o RedeTV News, é apresentado por um casal branco (Boris Casoy e Amanda Klein), como também ocorre com o Leitura Dinâmica, apresentado por Érica Reis.

Uma das únicas jornalistas negras que aparece durante os telejornais da RedeTV, sendo em algumas edições como apresentadora da previsão do tempo é Luciana Camargo.

Contudo, de todas as emissoras analisadas a única que teve uma âncora fixa negra perante os seus telejornais foi a TV Cultura, com a jornalista Joyce Ribeiro apresentado o principal jornal da emissora: Jornal da Cultura.

Diante da análise breve, mas reflexiva, foi possível constatar uma diferença extrema perante o número de jornalistas negros apresentadores de telejornais em rede nacional, em comparação aos de cor de pele branca.

Dos 13 telejornais estudados no mês de junho de 2018, levando em consideração o fato de serem os principais telejornais das emissoras e transmitidos em rede nacional, foi possível constatar que apenas em um deles havia a presença de jornalistas negros como âncora, no caso, o Jornal da Cultura com a jornalista Joyce Ribeiro, em todos os outros, os respectivos apresentadores dos telejornais eram brancos.

No retrospecto em relação ao número âncoras esse número é ainda maior, vindo a considerar que dos 25 jornalistas (contado apenas os âncoras, ou seja, quem apresenta o telejornal, sem contar as jornalistas da previsão do tempo) apenas uma era negra, voltando a referência a TV Cultura como unanimidade.

Quando os jornalistas são colocados como participantes do telejornal na previsão do tempo, esse número cresce um pouco, mas ainda apresenta grande disparidade. Exemplos ocorrem com a TV Globo, com Maria Julia Coutinho, a Record TV, em eventuais participações de Salcy Lima, e a RedeTV, com Luciana Camargo.

As emissoras SBT e Band, durante o período pesquisado, foram as que apresentaram menor índice em relação ao número de apresentadores negros em seus telejornais, mostrando a baixa representatividade de jornalistas negros nos respectivos jornalísticos exibidos pelas maiores emissoras de televisão do Brasil.

Vale lembrar que a TV Cultura que é uma emissora pública foi a única que durante a pesquisa apresentava uma âncora negra, diferente das outras cinco emissoras (TV Globo, Record TV, SBT, Band e Rede TV) que são emissoras comerciais e que não tinham nenhum âncora negro nos telejornais nacionais.

Esses dados ajudam a configurar um processo de análise da desigualdade racial ainda presente perante os meios de comunicação, especificamente no telejornalismo, fundamentando um processo onde o negro continua lutando para ganhar seu espaço perante os canais de televisão comercial.

| <i>EMISSORA</i> | <i>TELEJORNAL</i> | <i>ÂNCORAS</i> | <i>NEGRO/BRANCO</i> |
|------------------|-------------------|---------------------------------|---------------------|
| TV GLOBO | BOM DIA BRASIL | Ana Paula Araújo | Branca |
| | | Chico Pinheiro | Branco |
| | JORNAL HOJE | Dony De Nuccio | Branco |
| | | Sandra Annenberg | Branca |
| | JORNAL NACIONAL | William Bonner | Branco |
| | | Renata Vasconcellos | Branca |
| JORNAL DA GLOBO | Renata Lo Prete | Branca | |
| RECORD TV | FALA BRASIL | Carla Cecato | Branca |
| | | Roberta Piza | Branca |
| | JORNAL DA RECORD | Celso Freitas | Branco |
| | | Adriana Araújo | Branca |
| SBT | SBT BRASIL | Rachel Sheherazade | Branca |
| | | Carlos Nacimento | Branco |
| | SBT NOTÍCIAS | João Fernandes | Branco |
| | | Karyn Bravo | Branca |
| | | Analice Nicolau | Branca |
| | | Cassius Zeilmann | Branco |
| BAND | CAFÉ COM JORNAL | Luiz Megale | Branco |
| | | Júlia Duailibi/ Laura Ferreira* | Branca |
| | JORNAL DA BAND | Ricardo Boechat | Branco |
| | | Paloma Tocci | Branca |
| REDE TV | REDE TV NEWS | Boris Casoy | Branco |

| | | | |
|------------|-------------------|---------------|--------|
| | | Amanda Klein | Branca |
| | LEITURA DINÂMICA | Érica Reis | Branca |
| TV CULTURA | JORNAL DA CULTURA | Joyce Ribeiro | Negra |

Fonte: Elaboradora pelo autor

* No caso do Café com Jornal, devido a âncora Júlia Duailibi ter sido substituída durante o mês de junho (quando realizamos o estudo de caso), ou seja, Júlia saiu para depois Laura assumir a bancada, consideramos o fato de Júlia e Laura ser contadas como mesma âncora (brancas).

Considerações Finais

Diante dos dados levantados através da pesquisa bibliográfica e análise dos apresentadores dos principais telejornais brasileiros é possível constatar uma disparidade de apresentadores negros em emissoras de televisão do país em relação a jornalistas brancos.

Os dados coletados apenas na esfera de apresentação de telejornais demonstram que mesmo depois de mais de 200 anos do início da atividade jornalística no país, e de 130 anos da abolição da escravatura, a desigualdade racial ainda continua presente na esfera jornalística nacional.

Para alguns, a desigualdade racial pode ser justificada, mas é preciso entender que a conscientização racial no país, através dos meios de comunicação, é importante para fundamentar campanhas pelo fim de casos de racismo e desigualdade por diferenças de cor de pele, as quais continuam a ocorrer diariamente sobre a sociedade.

A viabilidade de jornalistas negros em emissoras de televisão não deve ser apenas justificadas para cumprir a cota, como ainda acontece, mas sim, para tentar acabar com um processo enraizado sobre a sociedade brasileira, em que o negro tende a continuar sendo submisso ao homem branco, a partir de profissões secundárias no mercado de trabalho.

É dessa forma que campanhas de conscientização e até mesmo de abordagens públicas devem servir de pauta às emissoras de televisão, que em conjunto podem estacar uma desigualdade racial que ainda predomina nas emissoras comerciais, de acordo com os princípios que regem a Constituição de 1988.

Vale ressaltar que as representações sociais mostradas na mídia servem de alcance abundante perante a massa, já que os meios de comunicação nos dias atuais formatam um produto comercial, que as pessoas consomem diariamente, através de opiniões, informações e que podem ser lidas (jornais e revistas), ouvidas (rádios) e assistidas (televisão).

Diante disso, a desigualdade presente sobre a sociedade brasileira desde a época da colonização deve ser findada, com o apoio dos próprios órgãos de imprensa constituídos de um processo crítico presente a sociabilidade humana, na finalidade, de fazer com que casos de intolerância à cor de pele não sirvam de pauta nos meios de comunicação apenas quando acontece algum caso de racismo, mas também como conscientização.

Conclui-se, então, que esse trabalho em seu breve resgate histórico a respeito da história da imprensa, em função das primeiras atividades jornalísticas em território brasileiro, passando pelo o início da atividade da imprensa negra ao surgimento da televisão brasileira (modelo comercial) pode resgatar algumas das justificativas para a imprensa brasileira (telejornalismo em emissoras abertas) continuar prevalecendo o discurso desigual entre brancos e negros.

Referências

AGÊNCIA SENADO. **Representatividade dos negros na política precisa aumentar defendem debatedores.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/05/representatividade-dos-negros-na-politica-precisa-aumentar-defendem-debatedores>>. Acesso em: 30 jun 2018.

AGUIAR, P. ISFER, A. **Racismo: estudante da FGV-SP é chamado de ‘escravo’ por colega.** R7 São Paulo. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/racismo-estudante-da-fgv-sp-e-chamado-de-escravo-por-colega-09032018>>. Acesso em: 28 jul 2018.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. **Hemeroteca Digital: O homem de côr.** Disponível: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jun 2018.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. **Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais – 1978.** Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organiza%C3%A7%C3%A3o-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Ci%C3%A2ncia-e-Cultura/declaracao-sobre-a-raca-e-os-preconceitos-raciais.html>>. Acesso em: 28 jun 2018.

COSTA, M. LIMA, M. MOREIRA, T. S. NÓBREGA, Z. S. **A TV Globo e a escassa representatividade negra feminina nos seus telejornais.** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1543-1.pdf>>. Acesso: 21 jun 2018.

FREYRE, G. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** São Paulo: Editora Global, 2012. Disponível em: <<https://guiadeturismomrnsite.files.wordpress.com/2017/02/o-escravo-nos-anuncios-de-jornal-gilberto-freyre.pdf>>. Acesso em 28 jun 2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/default.php>>. Acesso em: 5 jul 2018.

JORNAL O POVO. **William Waack é acusado de racismo após vídeo vazar na internet.** Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/11/william-waack-e-acusado-de-racismo-apos-video-vazar-na-internet.html>>. Acesso em: 28 jul 2018.

NETO. J. S. Jornalismo de televisão e formação para a cidadania. In: CASTRO. A. LIMA. M. BARREIROS. T. **Jornalismo: reflexões, experiências, ensino.** Curitiba: Pós-Escrito, 2007.

PINTO. A. F. M. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899).** Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado). Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6432/1/Ana%20Flavia%20Magalhaes%20Pinto.pdf>> Acesso em 26 jun 2018.

PIRES. B. **Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado.** El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html>. Acesso em: 28 jul 2018.

PORTAL IG. **Vítima de racismo, Daniel Alves come banana atirada contra ele na Espanha.** IG Esporte. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-04-27/daniel-alves-come-banana-atirada-contra-ele-em-jogo-do-barcelona-em-villarreal.html>>. Acesso em: 28 jul 2018.

PORTAL UOL. **Gagliasso e Ewbank denunciam racismo contra titi; relembre casos de famosos.** UOL Universa. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/11/28/gagliasso-e-ewbank-denunciam-racismo-contra-titi-relembre-casos-de-famosas.htm>>. Acesso em: 28 jul 2018.

PORTAL UOL. **Maria Julia Coutinho volta a ser alvo de comentários racista no Facebook.** UOL TV e Famosos. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/07/03/maria-julia-coutinho-e-alvo-de-racismo-na-pagina-do-jn-no-facebook.htm>>. Acesso em: 28 jul 2018.

PORTAL. S. R. P. **A cor da mídia televisiva: a (in) visibilidade da jornalista negra na televisão paraense.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-0075-1.pdf>>. Acesso em: 21 jun 2018.

QUINTÃO, A. A. A imagem das mulheres negras na televisão brasileira. In: CARRANÇA. F. BORGES. R. S. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2004.

ROMANCINI, R. LAGO. C. **História do Jornalismo no Brasil.** Florianópolis, Santa Catarina: Editora Insular, 2007.

ROSA. I. C. C. **Imprensa negra: descobertas para o jornalismo brasileiro.** Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 11. Nº 1. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p555>>. Acesso: 30 jun 2018.

Racismo em pauta: a pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000. Dissertação para o título de Mestre em Comunicação. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9353/1/2011_IsabelCristinaClavelindaRosa.pdf>. Acesso em: 2 jul 2018.

SANTOS. F. L. SILVA. M. R. ROCHA. S. P. **A representação da mulher negra nas telenovelas brasileira: um espaço em constituição.** Disponível em: <http://www.anpuhb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2016%20-%20Francijane%20Lima%20dos%20Santos%20e%20Marcia%20Ramos%20da%20Silva%20T.C.PDF>. Acesso em: 25 jun 2018.

SANTOS. S. A. LOPES. I. S. **A representação dos negros na Rede Globo e na TV Brasil na semana do dia nacional da consciência negra.** Revista do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 13. N° 2. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/861>. Acesso em: 29 jun 2018.

TOMAZ. K. MACHADO. L. **Cliente negro é chamado de macaco no pedido de lanche; rede de fast-food diz que ele é ex-funcionário.** G1 São Paulo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cliente-negro-e-chamado-de-macaco-em-pedido-de-rede-de-fast-food-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 28 jul 2018.

VIEIRA. I. **MPT notifica Globo por falta de negros em novela e recomenda mudança.** Agência Brasil: Maio de 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/mpt-notifica-globo-por-falta-de-negros-em-novela-e-recomenda-mudancas>>. Acesso em: 30 jun 2018.

XAVIER. J. L. B. **A Imprensa negra e as Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial: o combate ao racismo nos meios de comunicação.** Projeto Final em Jornalismo: Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7302/1/2013_JullianaLopesBentoXavier.pdf>. Acesso em: 13 jun 2018.